

## **A guerrilha da FULNA: considerações preliminares**

Ceres Moraes<sup>1</sup>

Evaristo Colmán<sup>2</sup>

Sob o forte regime ditatorial comandado pelo general Alfredo Stroessner, a repressão no Paraguai fazia-se sentir mais forte a cada movimento de protesto e tentativas de derrubadas do regime, com centenas de pessoas presas, torturadas e confinadas no interior do País, especialmente na região do Chaco. Por mais violenta que fosse a repressão, a resistência à ditadura se mantinha e, à medida que o regime estendia seus tentáculos sobre a sociedade, a luta armada passou a ser considerada, por alguns grupos políticos, como a única possibilidade de tomada do poder e alteração na situação econômica e social do país. Isso ocorreu ao mesmo tempo que em Cuba o Movimento 26 de Julho derrotava a ditadura de Batista e se intensificavam as ações norte-americanas para combater a expansão das idéias comunistas na América Latina.

Esta comunicação, que faz parte do projeto de pesquisa (em andamento) “Movimentos Sociais e Políticos na Fronteira Paraguai-Brasil: A Frente Unida de Libertação Nacional/FULNA” tem por objetivo trazer à cena atores e acontecimentos ainda pouco conhecidos e estudados da história recente do Paraguai. Como afirma Jacques Le Goff “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro ... que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 1992).

---

<sup>1</sup> Doutora em História das Sociedades Ibero-Americanas pela PUC/RS. Professora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. E-mail: [ceresm@uol.com.br](mailto:ceresm@uol.com.br)

<sup>2</sup> Doutor em História pela UNESP/Assis, Professor do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina/PR. E-mail: [colman@uel.br](mailto:colman@uel.br)

No Paraguai, após a guerra contra a Tríplice Aliança, não se estruturou um estado democrático de direito. A destruição do estado lopizta e a ocupação pelos exércitos aliados não produziu as instituições parlamentares, a separação de poderes e nem a pacífica disputa partidária que seriam o contraponto ao despotismo lopizta. As elites políticas que assumiram a condução do que sobrou do estado paraguaio não podiam fabricar um processo de diferenciação social inexistente até então, nem os processos econômicos que dessem fundamento a uma democracia. A disputa violenta e direta pelo controle da máquina governamental adotava frequentemente a forma de lutas entre caudilhos.

A instabilidade política e o autoritarismo foram constantes no país até meados do século XX. Por exemplo, entre 1869 e 1904, o Paraguai teve 14 presidentes, o que significa que em média cada mandato teve a duração de apenas dois anos e meio. Nos oito anos seguintes (1904 – 1912) nenhum presidente cumpriu integralmente seu mandato, tendo sido deposto ou assassinado. E nem a tentativa de estruturar-se um Estado Nacional Revolucionário, após o final da guerra contra a Bolívia, conseguiu superar o quadro de desassossego e crise política. Entre 1948 e 1949 o governo trocou de mãos quatro vezes.

Em 1954, quando Stroessner comandou o golpe de Estado e assumiu o poder, dando início a uma das mais longas e violentas ditaduras do ocidente contemporâneo, a situação econômica do Paraguai continuava crítica, apresentando alto índice de inflação e de imigração. Cerca de 500 mil pessoas haviam se deslocado para os países vizinhos – fugitivos tanto da perseguição política como em busca de melhores condições de vida e trabalho. Entre 1938 e 1946, o PIB havia crescido a uma taxa média de 3,5%; entre 1947 e 1954, o crescimento só alcançou 0,8% (Miranda, s/d: 116).

Dados do censo agropecuário de 1956 demonstram a permanência da concentração da propriedade da terra e a difícil situação dos camponeses. Na região oriental<sup>3</sup> que representa 40% da superfície territorial, apenas onze proprietários detinham 34% de seu território. Estes latifúndios de mais de cem mil hectares eram destinados, principalmente, à pecuária extensiva e à exploração florestal. A produção agrícola era praticamente de subsistência. Apenas uma pequena área era dedicada à agricultura, que era desenvolvida quase na sua totalidade por camponeses minifundiários, os proprietários das chácaras, ou por pequenos arrendatários e posseiros. Do total das terras paraguaias 85% estavam nas mãos de 1.549 grandes proprietários. Em contrapartida, das pessoas que trabalhavam a terra ou dela dependiam, 70% não a possuíam e concentravam-se principalmente na zona central, que apresentava uma elevadíssima densidade demográfica. Quanto aos instrumentos de trabalho, continuavam sendo rudimentares e, mesmo assim, apenas um pequeno número de camponeses possuía, por exemplo, arado de ferro. 54,8% das chácaras não possuíam nenhum tipo de arado e 45% delas não dispunham de nenhum tipo de arado nem de carreta. Também a indústria era extremamente reduzida: em 1955 existiam cerca de 2.646 estabelecimentos, dos quais a maioria tinha sua produção baseada parcial ou totalmente no trabalho doméstico, artesanal.

No que diz respeito às relações externas, o novo regime contou desde o início com o apoio dos Estados Unidos e do Brasil. De Washington não só continuou recebendo assessoria - iniciada no governo de Estigarribia em 1939 - através das diversas agências ali estabelecidas, como também passou a receber ajuda econômica e militar por meio de treinamento, inclusive em táticas antiguerrilhas e cessão ou facilidades na compra de armamentos.

Com o Brasil, Stroessner buscou acelerar o processo de aproximação entre os dois países, pois via nisso a possibilidade de sair da secular dependência do porto de Buenos Aires,

---

<sup>3</sup> Os dados e números sobre a situação agrária aqui expostos foram retirados de Carlos Pastore "La Lucha por la tierra". In: Castro, 1985: 236 -237.

no que foi muito bem sucedido. Desde o início da década de 1940, o Rio de Janeiro vinha desenvolvendo uma política de aproximação com o Paraguai. Interessava-lhe essa aproximação não só devido à histórica disputa com a Argentina pela supremacia regional, mas também porque o Paraguai poderia vir a se transformar em mercado para os produtos brasileiros.

Essa aproximação concretizada na atuação da Missão Brasileira de Instrução Militar, na Missão Cultural e na construção de grandes obras financiadas pelo Brasil, como foi o caso da estrada Coronel Oviedo-Puerto Presidente Franco e da “Ponte da Amizade”. Estas ações, assim como a colaboração norte-americana, constituíam-se em respaldo ao regime. Representavam a concretização material do discurso de Stroessner, que se apresentava como modernizador e promotor do desenvolvimento e progresso econômico do Paraguai. “Ser parceiro do Brasil, país mais desenvolvido da região, significava, com certeza, um grande resultado dotado de poder simbólico” (Moraes e Chedid, 2006: 2).

O poder simbólico, como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico da mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário (Bourdieu, 2003: 14).

Além disso, em momentos cruciais do processo de consolidação da ditadura, Stroessner pôde contar com ajuda militar brasileira, não só para ameaçar veladamente a oposição e a países limítrofes, através da demonstração de poderio bélico em desfiles e solenidades públicas, como também para combater movimentos armados de oposição ao regime. Na posse do segundo mandato de Stroessner, em 15 de agosto de 1958, um dos pontos altos do desfile militar foi a participação de 7 bombardeiros B-25 e 6 jatos da Força Aérea Brasileira. Nas comemorações dos 151 anos de independência do Paraguai, o convidado especial foi o General Amaury Kruehl, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República do governo João Goulart. Como afirma Moniz Bandeira, o objetivo de Stroessner,

consistia, sem dúvida, em jogar com imagens de prestígio e aparência de apoio uma vez que a amizade com o Brasil constituía o fundamento da política exterior do Paraguai, onde o Partido Colorado, a fomentar internamente o nacionalismo contra a supremacia de Buenos Aires, a ela recorria como esteio para eventuais pressões quer contra a Argentina quer até mesmo contra os Estados Unidos.<sup>4</sup>

Militarmente, a mais clara e significativa demonstração do apoio brasileiro foi dada durante a tentativa de implantação da guerrilha no interior do Paraguai. Conforme denúncias, entre 1959 e 1962, o Brasil entregou às Forças Armadas paraguaias três aviões novos, cinco aviões de treinamento, metralhadoras, bombas e projéteis<sup>5</sup>. Além dessa doação e de prestar informações sobre a movimentação dos grupos guerrilheiros na fronteira<sup>6</sup>, autoridades brasileiras em dezembro de 1960 entregaram seis exilados à repressão paraguaia que os assassinou ainda em território do Brasil<sup>7</sup>.

Com relação a economia que se encontrava praticamente paralisada, o governo para fazer frente à situação, recorreu ao FMI em 1954 e 1956, congelou os salários dos trabalhadores e manteve a elevação dos preços das mercadorias, inclusive dos gêneros de primeira necessidade, agravando a crise social. Os trabalhadores e estudantes reagiram, promovendo, em 1958 e 1959, uma onda de protestos e greves que foram fortemente reprimidos, a exemplo de outros movimentos reivindicatórios e de oposição.

A repressão no regime stronista, como em qualquer outro regime ditatorial, foi largamente usada como meio de calar a oposição. Também, como em outras ditaduras que assolaram a América Latina na segunda metade do século XX, o total desrespeito aos direitos civis e humanos era justificado pelo discurso anticomunista, consolidado no Paraguai com a denominada *Ley de Defensa de la Democracia*, de 17 de outubro de 1956. Essa lei estabelecia as penalidades a serem aplicadas àqueles que fossem acusados de serem comunistas, tornando

---

<sup>4</sup> Bandeira, 1993: 102.

<sup>5</sup>DPO/600.(43) Secreto, de 27 de dezembro de 1959, do Ministério das Relações Exteriores para a Embaixada Brasileira em Assunção; Of. nº.549/920.(42) (43), de 27 de setembro de 1961, do Embaixador brasileiro para o Ministro das Relações Exteriores. Centro de Documentação do Itamarati. Brasília.

<sup>6</sup>Jornal do Brasil, 7 de maio de 1960.

<sup>7</sup>Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1961, p. 04.

uma opção política em crime comum. Além da repressão levada a efeito pelos órgãos oficiais, o regime contou com a força paramilitar do Partido Colorado, que atuava, na zona rural, através das chamadas “milícias coloradas” e, na zona urbana, através da “guarda urbana”, usada, sobretudo, para reprimir ou provocar distúrbios em reuniões ou manifestações de sindicatos, movimento estudantil, etc.

Lançando mão da prerrogativa do estado de sítio, previsto na Constituição de 1940, e da *Ley de Defensa de la Democracia*, o aparelho repressivo podia prender qualquer cidadão sob a acusação de ser comunista. Isso acontecia com frequência, por exemplo, toda vez que o regime queria livrar-se de opositores ou potenciais adversários ou por qualquer motivo intensificar o processo repressivo. A cada movimento de protesto e tentativa de derrubada do regime a repressão fazia-se sentir mais forte, com centenas de pessoas presas, torturadas e confinadas no interior do país, especialmente na região do Chaco.

Além de combater a oposição a repressão visava submeter a sociedade através do amedrontamento dos indivíduos – pois ela podia atingir qualquer um, independentemente deste participar ou não de alguma organização ou movimento de protesto – e tinha também função exemplificadora: todo aquele que questionava ou se opunha ao sistema era subversivo, portanto, devia ser punido.

Nas palavras de Dona Hermenegilda,<sup>8</sup> comentando o período de repressão:

[...] E outro também que ninguém falava mal do presidente... ninguém. Não pode falar mal... ninguém... quem fala já castiga aquele.[...] Ih... chama lá... dá um conselho lá... fica um pouco de castigo né. E ninguém “memo”. Que um ia falar o outro já corta porque sabe que não é bom. Não é como agora que é humilhado esse presidente... tão humilhado né... escuta aí. E era assim aquele tempo (Moraes e Chedid, 2006: 9).

---

<sup>8</sup> Hermenegilda Espindola de Arevalo.(nome real), 67 anos, país de origem: Paraguai. Entrevista realizada em 13 de junho de 2006.

O conceito de cidadania passa a ser confundido com estar integrado ao sistema, ou seja, só é cidadão, com garantias previstas em lei, aquele que aceita dele fazer parte, sem questioná-lo. De los Santos<sup>9</sup> relata:

Se você não tinha o documento filiação Colorado você era preso e ia amanhecer na delegacia e assim por diante. [...] Só se tivesse o documento. Então isso aí eu sempre... eu condenei. Porque me pediram o documento, eu passei minha identidade. Lógico, né? O documento de um cidadão. Aí (guarda) esse não, esse não é documento. Passei carteira de reservista, (guarda) não esse aí não é, esse aí não é documento, não interessa a nós. Daí (guarda) disse: você não tem filiação? Eu disse: eu não tenho. (guarda disse) Então você fica preso! (Moraes e Chedid, 2006: 9).

O medo generalizado, uma vez que, em última instância, todos estavam sujeitos a prisão "por ordem superior", dificultava, ou melhor, tornava quase impossível a organização e ação da oposição. Ao mesmo tempo, tornava-se cada vez mais fácil o trabalho do aparelho repressivo, que podia contar com a delação e infiltração nos grupos e movimentos oposicionistas. De acordo com a Ordem Confidencial n° 217 de 25 de abril de 1963, da Jefatura de Polícia, a Sra Maria Esther Paredes informou à polícia que seu ex-marido, o Sr Jaime Cañete, dirigente da Frente Unida de Libertação Nacional (FULNA), chegaria a Assunção. Segundo o documento da polícia, a informante afirmou que “essa visita poderia esconder outras intenções, tais como a entrega de correspondência e entrevista com colaboradores e até arrecadação de armas”<sup>10</sup>. Esse tipo de ação demonstra o receio das pessoas de serem acusadas de colaboração com a oposição, pois era comum a repressão atingir familiares e mesmo amigos dos opositores.

[...] a prisão arbitrária que escolhe pessoas inocentes, destrói a validade do livre consentimento, da mesma forma como a tortura – em contraposição à morte – destrói a possibilidade da oposição (Arendt, 1989: 502).

Dentre os documentos da polícia política do regime de Stroessner, encontrados em 1992 em uma delegacia de polícia do subúrbio de Assunção encontram-se documentos sobre a

<sup>9</sup> De los Santos Mereles Lopez. (nome real), país de origem: Paraguai. Entrevista realizada em 31 de maio de 2006.

<sup>10</sup> Ordem Confidencial n° 217 - 25 de de abril de 1963. Jefatura de Polícia. In: Paz, 1994, p. 61.

infiltração nas organizações que lutavam contra o regime. Como exemplo, citamos o relatório sobre um agente infiltrado na Frente Unida de Libertação Nacional, que inicia dizendo, “Informe fornecido por um Agente infiltrado na frente guerrilheira do Partido Comunista Paraguai. (...) Dados pessoais do Agente infiltrado : Nome e sobrenome, Eliseo Carmona Gonzales. Nascido em Yaguarón em 24 de junho de 1942 (...) (Paz, 1994: 61).

Por maior e mais violenta que fosse a repressão, a resistência à ditadura se organizava e se reorganizava. A resistência ao autoritarismo foi uma constante na história paraguaia, quase sempre através da luta armada. Historicamente, desde o início da reconstrução do Estado paraguaio, após a Guerra contra a Tríplice Aliança, nenhum dos grandes partidos buscou, de fato, consolidar as instituições de representação democrática, mantendo-se uma tradição autoritária do exercício do poder e de acesso a ele através de golpes, contragolpes, sublevações e quarteladas. O Exército Nacional, reorganizado em véspera da guerra contra a Bolívia, e prestigiado pela vitória no Chaco, passou a ter uma influência cada vez mais decisiva. Todavia, esta influência reforçava uma ideologia que afinal justificava o despotismo. Não foi por acaso, que o golpe do Coronel Franco reabilitou a figura do Marechal López<sup>11</sup>. No regime stronista, esse conceito foi aprofundado e aperfeiçoado. Também a oposição, representada pelos partidos Liberal e Febrerista, manteve esse padrão na resistência e luta contra o regime tendo havido em 1956 e 1958 tentativas de levante militar contra o governo. No caso de tentativas de resistência armada nos moldes tradicionais do golpe de Estado, conforme Céspedes e Paredes (2004: 25) “*La ideologia sustentada era bastante simple: restauración de las libertades y cese de las persecuciones, sobre todo al Partido Liberal, y a la coloradización de las Fuerzas Armadas*”.

À medida que o regime estendia seus tentáculos sobre a sociedade e fracassavam as formas tradicionais de luta, determinados grupos políticos passaram a considerar a luta

---

<sup>11</sup> . Consultar a respeito Nacionalismo e Movimento Operário na Origem do Estado Nacional Revolucionário Paraguai: 1936-1947. (COLMÁN, 2002).

armada na modalidade de guerrilha como a única possibilidade de derrotar o regime e alterar a situação econômica e social do país. Isso ocorreu num contexto latino-americano marcado, por um lado, pela vitória do Movimento 26 de Julho em Cuba e, por outro lado, pela intensificação das ações norte-americanas para combater a expansão das idéias comunistas no continente.

A vitória da Revolução Cubana, que até aquele momento não se definira pelo socialismo, bem como a existência de outros movimentos guerrilheiros na América Latina e os grandes movimentos de greves operárias e estudantis nos anos de 1958 e 1959, entusiasmou a oposição paraguaia. Liberais, febreristas, comunistas, democratas, inclusive militares, em suas análises, passaram a considerar que existiriam condições objetivas para o desencadeamento da luta de guerrilha a partir de uma ampla mobilização da sociedade civil.

Afirmavam os fundadores da FULNA em seu Manifesto de fundação:

*Estamos convencidos de que en la hora actual, debemos dejar de lado las cuestiones que nos separan y formar una gran fuerza cívica capaz de abatir la dictadura. Para ello es preciso que los hombres y mujeres de nuestro pueblo, sin perjuicio de su fidelidad y militancia partidaria, impulsen una potente movilización civil conjunta, con participación directa de liberales, febreristas, comunistas, colorados democráticos, católicos o jocistas (J.O.C.)* (Proclama al Pueblo Paraguayo, fevereiro de 1959).

Nesse quadro, a oposição, especialmente a que se encontrava no exílio, iniciou a organização de grupos guerrilheiros em 1958. Os liberais exilados organizaram o movimento “14 de Maio”; os dissidentes do Partido Colorado o “Movimento Popular Colorado” – MOPOCO, e o Partido Comunista Paraguaio, juntamente com outros setores da oposição, a “Frente de Libertação Nacional” – FULNA. Assim, a luta de guerrilha foi inserida como uma nova modalidade de enfrentamento político no Paraguai. Até o final da década de 1950, as disputas políticas eram resolvidas ou pela via dos golpes de Estado ou pela da guerra civil, mas a forma de guerrilha não havia sido experimentada.

A Frente Unida de Libertação Nacional (FULNA) foi fundada em fevereiro de 1959, na cidade de Buenos Aires, por iniciativa do Partido Comunista Paraguaio. Agregava,

segundo seu Manifesto, cidadãos de diversos setores políticos, sem exclusões e sem invocar a representação oficial dos partidos aos quais eram filiados. Sua estratégia era reunir os mais diversos setores democráticos e de oposição para organizar a luta armada contra o regime ditatorial de Stroessner, “*sin exclusiones ideológicas ni pretensiones sectárias de predominio*”, com o objetivo de, a exemplo do movimento cubano 26 de julho, que no início daquele ano derrubara a ditadura de Batista, impulsionar uma ampla frente que levaria a um levante popular e ao fim do regime ditatorial.

*Para que el pueblo paraguayo alcance la Victoria, es necesario que tome el camino del pueblo cubano, que nos ha demostrado cómo un pueblo unido y decidido puede destruir todo un sistema despótico y establecer una verdadera democracia, sin exclusiones ni restricciones.* (Proclama al Pueblo Paraguayo, fevereiro de 1959).

A proposição da FULNA não era lutar apenas pelo fim da ditadura mas de câmbio dos fundamentos do Estado paraguaio o que seria possível através de um levante popular com o objetivo de uma “*revolución democrática, agrária y antiimperialista*” (Manifesto do PCP, apud. (DURE V; Silva, 2004), sendo a guerra de guerrilhas “*una parte de la revolución paraguaya*” (Cartilla de Instrucción).

Diferenciando-se dos demais movimentos de oposição a FULNA denunciava a situação de pobreza da maioria da população e o atraso econômico do país. A inflação havia rebaixado o poder aquisitivo dos trabalhadores em cerca de 60%. Do total da população, 70% sofriam de enfermidades endêmicas graves e a mortalidade infantil, em algumas regiões e setores da sociedade, chegava a 80%. A frente denunciava, ainda, os prejuízos que o setor produtivo sofria em decorrência da crise econômica: “*Esta situación de atraso, crisis y falta de garantía, perjudica a la industria, al comercio y a no pocos ganaderos, y obstaculiza el desarrollo de la producción y el progreso de la Nación*”.

Para instalar a democracia e dar início à resolução dos graves problemas do país, a FULNA, que deveria ser organizada por Juntas Coordenadoras locais e departamentais,

propunha a instalação de um Governo Provisório, Democrático e de Representação Nacional que deveria colocar em prática seu programa, que previa:

- 1) Plenas liberdades democráticas e garantias iguais para todos os partidos políticos existentes ou que fossem criados;
- 2) Total liberdade para os sindicatos operários e organizações estudantis, campesinas e populares, sem intervenção do Estado;
- 3) Anulação de todas as leis e disposições repressivas das liberdades democráticas;
- 4) Sanção de lei eleitoral democrática estabelecendo o direito de participação das mulheres em igualdade com os homens; voto secreto e eleição direta para Presidente da República e representação proporcional no Parlamento e Juntas Municipais;
- 5) Constituição de uma Junta Eleitoral com participação de todos os partidos políticos;
- 6) Convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte com a participação de todos os partidos políticos;
- 7) Constituição Nacional democrática garantindo plenamente os direitos do homem, dos partidos e das organizações sindicais, gremiais e populares e o direito de greve;
- 8) Eleições livres e democráticas em um prazo máximo de dezoito meses;
- 9) Início da execução de um plano de incentivo econômico para estimular o aumento da produção agrícola, industrial e pecuária, mediante créditos, concessão de terras aos agricultores, garantias de preços justos para os produtos agrícolas e diminuição dos impostos; reajuste dos salários dos funcionários civis e militares de acordo com o custo de vida; aprovação de leis de amparo social;

10) Aprovação de leis que garantissem a exploração das riquezas naturais de modo a servirem ao desenvolvimento e progresso econômico do país e busca de novos mercados externos.

Seu manifesto estabelecia, também, que seriam respeitadas as pessoas e a propriedade dos colorados e de todos os cidadãos paraguaios e estrangeiros, com exceção apenas “*de aquellos elementos responsables de delitos contra los luchadores por la libertad*” (Proclama al Pueblo Paraguayo, fevereiro de 1959). Apesar da significativa participação do Partido Comunista na organização da FULNA, esse programa representa os vários setores que nela estavam presentes.

Após a publicação do manifesto, rapidamente se organizaram dezenas de comitês da FULNA em diversos lugares da Argentina, onde ficava a Junta Diretiva Central, cujo presidente era o Coronel Fabian Zaldívar Villagra, ex-comandante do Regimento de Infantaria 2 “Ytororó”, localizado na região do Chaco, que apoiou o levante dos jovens oficiais de Concepción em 1947, contra a ditadura do General Morínigo. Além Zaldívar Villagra participavam outros militares como, por exemplo, o Tenente de Aviação Ávalos Caríssimo e o coronel Rolón e também algumas mulheres como a Dr<sup>a</sup> Ester Ballestrino de Careaga. Ao mesmo tempo se formou o comando de Assunção, cujo chefe era Rafael Barret, quadro do Partido Comunista. No interior, os comitês comunistas passaram a atuar como FULNA.<sup>12</sup>

A resistência e luta contra o regime stronista e a organização da luta armada, através do movimento “14 de Maio” e da FULNA e outros grupos de menor expressão, teve repercussão continental, assumindo caráter de luta de libertação. Em setembro daquele mesmo ano de 1959, realizou-se, na Universidade de Montevidéu, um grande ato em solidariedade à luta do povo paraguaio. Nesse ato, estavam presentes o Reitor da Universidade de Montevidéu, deputados uruguaios e Salvador Allende, então senador do Chile. Em seu

---

<sup>12</sup> Informações obtidas em entrevista com Alberto Barret, em 13 de dezembro de 2005, na cidade de Buenos Aires.

discurso, o Coronel Zaldívar, representante da FULNA, reiterando as análises sobre as lutas por democracia na América Latina e as possibilidades de vitória do movimento armado no Paraguai, afirmava:

*[...] algo nuevo y grande está bullendo y cobrando cuerpo en la conciencia de los pueblos latinoamericanos. La dura experiencia de la vida va alumbrando en la conciencia de nuestros pueblos hermanos la gran idea de su común destino, de la comunidad de intereses, ideales y aspiraciones que los une.... Por eso, en este acto no podemos ni debemos olvidar la difícil y heroica lucha de los hermanos nicaragüenses y dominicanos... ni debemos dejar de expresar nuestra solidaridad con el gran pueblo cubano que defiende con ejemplar entereza su realizaciones revolucionarias contra las asechanzas, intrigas y conspiraciones organizadas y dirigidas desde el exterior... La hora de la liberación del pueblo paraguayo se acerca. El régimen tiránico de Stroessner, acorralado por el repudio y las luchas populares que e agigantan, siente el tembladeral bajo sus botas. (Discurso realizado em 15/09/1959).*

Em janeiro de 1960, a Junta Diretiva Central da FULNA lançou um novo Manifesto, no qual expunha a opção dos diversos setores políticos pela luta armada para derrotar o regime stronista destacando que a luta contra a ditadura era do povo paraguaio. Nesse sentido, a direção procurava e tinha como objetivo transformar, de fato, a Frente Unida de Libertação Nacional em uma frente ampla e sua luta como de libertação nacional. Para isso, conclamava a união de todos os setores e movimentos que lutavam contra a ditadura, para que se reunissem em uma Conferência de Mesa Redonda para constituir uma Junta Patriótica que coordenasse e dirigisse a luta do povo unido contra a tirania em todos os campos.

*Ha comenzado un período de grandes y decisivas batallas en la gran gesta nacional libertadora del pueblo paraguayo. Grupos de patriotas de diversos sectores políticos luchan ya con las armas en la mano... siguiendo el curso de las primeras acciones de resistencia armada de los campesinos y de las grandes manifestaciones... realizadas por el estudiantado y el pueblo en mayo de 1959. ... Ningún grupo o partido, luchando solo, aislado, puede llevar a la Victoria. La división y dispersión solo ayuda a la dictadura para batir por separado a las fuerzas democráticas. (Manifiesto del Frente Unido de Liberación Nacional, 1960).*

De fato, essa proposição da Junta Diretiva Central da FULNA estava correta em sua análise. Havia um grande potencial e disposição de luta de vários setores da oposição paraguaios e apoio de diversos setores da sociedade latino-americana, que vivia um momento

de efervescência política. Havia-se conseguido fazer chegar à opinião pública denúncias das atrocidades cometidas pelo regime, tendo, inclusive, os Estados Unidos, evidentemente na defesa de seus interesses na região, solicitado que Stroessner realizasse eleições para a Câmara de Representantes. Washington queria deter o avanço da oposição paraguaia e evitar a difusão das idéias e a organização de movimentos comunistas na região, conforme seu embaixador em Assunção,

[...] *La relativa debilidad e inestabilidad de Paraguay preocupa a Estados Unidos y (el país) tiene importancia en cuanto a su localización estratégica en el mismo corazón de Sudamérica. Si Paraguay fuese dominado o complaciente con el Comunismo, su localización central le otorgaría gran ventaja estratégica para la infiltración Comunista a los cinco países circundantes.* (Apud. Miranda, 1987: 45).

Aos Estados Unidos, interessava manter no Paraguai, como em qualquer outro lugar, um governo que fosse seu aliado incondicional, bem como extremamente anticomunista, por isso colaborava com aquele governo, tanto no campo econômico, como na assistência técnica e militar. Em suas considerações, enviadas ao Departamento de Estado, sobre a solicitação paraguaia de renovação do Contrato das Missões das Forças Armadas Norte-Americanas, seu Embaixador afirmava:

*La justificación política para la ayuda con donaciones al Paraguay está embasada en la política de Norteamérica de mantener la orientación de este país para los Estados Unidos. Es de mayor interés de los Estados Unidos mantener una nación fuertemente anticomunista en medio a países que experimentan grandes problemas internos e inestabilidad política. Factores que crían un clima favorable para la penetración del comunismo en la América Del Sur.* (Apud. Miranda, 1988: 61).

Também o Brasil, na defesa de seus interesses na região, apesar de viver sob o governo Juscelino Kubitschek, que tem sido considerado um dos mais democráticos da história brasileira, colaborava com Stroessner através do financiamento de obras de infraestrutura, da manutenção das missões militar e cultural em Assunção e da atuação diplomática na região. No final de dezembro de 1959, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil comunicava ao governo paraguaio que havia feito

uma **démarche** junto ao governo da República Argentina, representando-lhe o interesse que existe na manutenção, por parte dos países fronteiriços com o Paraguai, de uma vigilância e medidas adequadas para impedir a organização de movimentos armados dirigidos contra o Governo paraguaio, e de um modo geral quaisquer atividades tendentes a perturbar a ordem pública nesse país. (...) recebemos, em resposta, garantias que nos parecem estar sendo efetivadas.<sup>13</sup>

Poucos meses depois, quando a situação agravou-se ainda mais, solicitou aos governos do Uruguai, Bolívia e Argentina, que haviam se tornado as principais bases de coordenação do movimento contra a ditadura, que tomassem medidas a fim de “evitar que refugiados paraguaios abusassem do direito de asilo” (Bandeira, 1993: 113). Ainda em 1960, quando a opinião pública continental começava a se voltar contra a ditadura - a Câmara de Deputados do Chile votara uma moção de repúdio ao governo paraguaio<sup>14</sup> - o chanceler brasileiro visitou oficialmente Assunção destacando na imprensa o progresso paraguaio e a preocupação de Stroessner com a democratização do país. Ao mesmo tempo, criticava a oposição, que não aceitara participar das eleições parlamentares que seriam realizadas com o país sob estado de sítio<sup>15</sup>.

Internamente o regime stronista, que contava com a colaboração do Partido Colorado e da hierarquia da Igreja Católica, apesar da oposição de alguns párocos, como foi o caso do padre Talavera<sup>16</sup> e de alguns setores católicos, apresentava uma grande capacidade de repressão adotando como estratégia política, contra os movimentos da oposição, a lógica de amigo-inimigo:

---

<sup>13</sup> DPC/600.(43). Secreto. Da Secretaria de Estado das Relações Exteriores para Embaixada Brasileira em Assunção. Datado de 30 de dezembro de 1959. Centro de Documentação do Itamarati. Brasília.

<sup>14</sup> Of. Confidencial nº 217/600 (43), de 22 de julho de 1959. Da Embaixada Brasileira em Assunção para a Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Centro de Documentação do Itamarati. Brasília.

<sup>15</sup> Jornal do Brasil de 08 de março de 1960, 1º Caderno, p. 04.

<sup>16</sup> No dia 22 de fevereiro de 1958, o Padre Talavera liderou uma manifestação pública, que reuniu cerca de duas mil pessoas, conclamando o povo a participar de uma cruzada para salvar o país. Em seu discurso, exigiu anistia geral, liberdade de expressão e acusou o governo de gastar grandes somas na construção de edifícios militares e em festas, enquanto camponeses morriam de fome. Três dias depois, a Nunciatura informou a Embaixada dos Estados Unidos que o Padre Talavera falara sem a aprovação da Igreja, desobedecendo as instruções para que se mantivesse calado. O Núncio disse ainda que ele e o Bispo de Assunção – o Arcebispo Mena Porta estava viajando – consideravam altamente imprudentes as atitudes do padre Talavera (MIRANDA, 1987, p. 163) Poucos meses depois, o padre Talavera foi enviado a Montevidéu e proibido de retornar ao Paraguai.

*los indiferentes son tolerados en la medida que, precisamente, sean insensibles a los atropellos a los derechos humanos que el régimen imponía ... Pero, en lo general se mantenía una lógica de guerra preventiva muy simple: impedir cualquier expresión autónoma del régimen, y en el caso que se organice independientemente reprimirla antes de que se fortalezca ... Era ilimitada por cuanto que el despliegue de recursos tanto de hombres, capacidad de fuego, y logística estaban absolutamente desfasados en relación al objetivo a combatir en verdad se trataba del enemigo a destruir. (Céspedes e Paredes, 2004: 18).*

Ciente do poder do regime e de que a luta não unificada fragilizava a oposição, assim como da necessidade de demonstrar a amplitude política dos movimentos de oposição “[...] *que el enemigo no habría de subestimar*” (Dure e Silva, 2004: 132), o Comando e Estado Maior da FULNA, pouco antes da entrada de seu principal grupo armado no país, a Coluna Ytororó, em sua proclamação de 5 de maio de 1960, orientava seus militantes e guerrilheiros a colaborarem com as ações de guerrilha dos demais movimentos que atuavam no interior do Paraguai. Porém, mesmo colaborando com os outros grupos, as guerrilhas da FULNA deveriam atuar independentemente e continuar realizando seus próprios planos e operações (Zamorano, 1992 *apud* Dure e Silva, 2004: 133).

Provavelmente devido às históricas rivalidades políticas, assim como ao anticomunismo dos tradicionais partidos políticos paraguaios e da Cruzada Cristã, afora outras questões que ainda estão por serem levantadas e analisadas, não foi possível a unificação, e isso facilitou a repressão desencadeada pelo regime e a derrota de todos que lutavam pela liberdade e pela democracia.

No Paraguai, a FULNA estava organizada em três frentes: campesina, operária e estudantil. A frente campesina foi a que teve maior atuação, tendo iniciado a ação armada em maio de 1960, quando a Coluna “Mariscal López” fez um assalto ao *pueblo* de Barrero Grande no Departamento das Cordilheiras, onde se organizara, ocupando uma estação transmissora de rádio e a delegacia de polícia *recuperando armas* (Barret, 2005). Essa coluna, formada por camponeses minifundiários, tinha por comandante Arturo López, professor de origem camponesa daquela região que, sob o pseudônimo de Agapito Valiente, tornar-se-ia

quase uma lenda entre os camponeses. Valiente lançou o primeiro decreto da FULNA que foi o decreto de reforma agrária<sup>17</sup>. As demais frentes atuaram basicamente como apoio e propaganda.

Também se organizaram grupos guerrilheiros em Ybytyruzú (Guairá), San Pedro, Coronel Martínez e no sul do país. Ao mesmo tempo, era organizada e treinada, na Argentina, a Coluna Ytororó, principal agrupamento, que tinha por objetivo chegar ao morro de Ybyturuzú em Vila Rica para ali estabelecer o centro de operações, a “zona liberada”. Essa coluna entrou no Paraguai através de Misiones, em maio de 1960. Desde seu ingresso no país foi perseguida pelas forças da repressão, tendo sido, em poucos meses, totalmente aniquilada, como afirmou Barret, em entrevista de 2005: “*en agosto no sobraba ningún hombre*”. Os que não caíram em combate – a repressão, seguindo sua política de aniquilamento das forças de oposição – foram executados depois de selvagemmente torturados.

Entretanto, como recorda Alberto Barret (entrevista, 2005) em 1963 organizou-se uma nova coluna no Brasil, comandada pelo Primeiro Tenente de Engenharia Gaspar Alex Barret, que deveria entrar no Paraguai através de Pedro Juan Caballero para ir ao Departamento de Cordilheiras, onde ainda estava, naquele momento, Agapito Valiente. Nesta região, a FULNA continuou atuando, através de ações de conscientização e propaganda, até 1965. Quanto a este grupo que teria se formado no Brasil, até o momento não foram obtidas outras informações. De acordo com Barret essa coluna, ainda em fase de treinamento na região de Itapecirica, após o golpe de 1964 foi delatada e caiu sob a repressão brasileira. Em suas palavras “*Allí acabó el proyecto militar del FULNA*”.

### **Porque a FULNA fracassou?**

---

<sup>17</sup> Informações obtidas em entrevista com Alberto Barret, em 13 de dezembro de 2005, na cidade de Buenos Aires

O governo ditatorial de Stroessner conseguiu um grau de legitimação do Estado paraguaio não alcançado por nenhum outro até então. Para isso concorreram tanto a sua tremenda capacidade repressiva quanto a propaganda anticomunista, assim como a não menos importante idéia de progresso que o apoio norte americano e brasileiro lhe permitiu manipular. As “obras”, construções, pontes e estradas deram “conteúdo” à identificação com a figura de Bernardino Caballero, fabricada pela propaganda incansavelmente repetida da “segunda reconstrução”.

A ditadura capturou o Partido Colorado como seu instrumento político, depurou-o de reais e potenciais opositores e o transformou numa verdadeira máquina política, ao mesmo tempo, mantinha o apoio da igreja católica na sua propaganda anticomunista e contava com a desarticulação prévia das oposições liberais e febreristas derrotadas na guerra civil de 1947. Os comunistas, por sua vez, nunca conseguiram uma importante base social, e pouco representavam no jogo político nacional. O Partido Comunista esteve na legalidade apenas durante duas semanas após a vitória do Movimento Febrerista em 1936 e durante seis meses em 1946.

Os dirigentes da FULNA, assim como os do Movimento 14 de maio, desde o exílio em Buenos Aires ou Montevideu idealizaram a guerrilha imaginando que a sociedade paraguaia continuava sendo a mesma que eles haviam conhecido, ou seja, aquela de 1947. No fundo, um Estado frouxamente constituído, com predomínio dos caudilhos e elites políticas, no qual, os alçamentos e quarteladas permitiam rápidas mudanças no comando do governo. A longa instabilidade posterior à guerra civil de 1947 parecia confirmar que a sociedade paraguaia pouco havia mudado.

Na prática, inicialmente nos parece que, para os dirigentes da FULNA, o planejamento da guerrilha não era muito diferente de um golpe de estado. E, na medida em que estavam longe do teatro de operações, não podiam perceber as mudanças que a ditadura

provocara na sociedade, no sentido da coesão ativa ou passiva (até pelo terror) do povo com o Estado. A guerrilha nestas condições aparecia como algo estranho às experiências e aspirações da população ou, pior ainda, como a confirmação do discurso anticomunista da ditadura, pois finalmente fornecia a prova da existência real do “inimigo”.

Democracia, liberdades, direitos humanos eram abstrações que pouco significado tinham para a população que era bombardeada com a propaganda da segunda reconstrução, da estabilidade política e defesa da pátria ameaçada pelo inimigo comunista. Até então – e durante a ditadura também–, o Paraguai não conhecera um verdadeiro estado democrático de direito, daí que a propaganda pela democratização soasse vazia ou até demagógica, vinda de opositores identificados com governos entreguistas – os liberais- ou autoritários – os febreristas e comunistas.

Sem qualquer base social as guerrilhas não podiam enfrentar a ditadura com chances de sucesso. Mais do que qualquer outra forma de luta, a guerrilha precisa do apoio popular para respirar, para comer, se manter e operar. Todas as tentativas de “criar” guerrilhas artificialmente fracassaram. A mais importante talvez tenha sido a que concluiu com a morte do Che Guevara, na Bolívia anos depois. A derrota da FULNA já mostrou, antes disso, as dificuldades do foquismo.

## Referências

ARENDRT, Hannah (1989): *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras.

BOURDIEU, Pierre (2003): *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CÉSPEDES R, Roberto L; PAREDES, Roberto (2004): La resistência armada al stronismo: panorama general. In: LACHI, Marcello. (Org.) *Insurgentes: La resistencia armada a la dictadura de Stroessner*. Asunción: Uninorte; Arandurã Editorial.

COLMÁN DUARTE, Evaristo Emigdio (2002): *Nacionalismo e Movimento Operário na Origen do Estado Nacional Revolucionário Paraguai: 1936-1947*. Tese de Doutorado. Assis: UNESP.

DURE V, Victor e SILVA, Agripino (2004): *Frente Unido de Liberación Nacional (1960-1965), guerra de guerrillas como guerra del pueblo* In: LACHI, Marcello. (org) *Insurgentes: La resistencia armada a la dictadura de Stroessner*. Asunción: Uninorte; Arandurã Editorial.

LACHI, Marcello (Org.) (2004): *Insurgentes: La resistencia armada a la dictadura de Stroessner*. Asunción: Uninorte; Arandurã Editorial.

MIRANDA, Aníbal (1988): *Argentina, Estados Unidos e insurrección en Paraguay*. Asunción: RP Ediciones/Miranda & Asociados.

\_\_\_\_\_ (1987): *EE.UU y el régimen militar paraguayo (1954-1958)*: Documentos de fuentes norteamericanas. Asunción: El lector.

MIRANDA, Carlos R. (s/d): *Paraguay y la era de Stroessner*. Asunción: RP Ediciones.

MORAES, Ceres (2000): *Paraguai: o processo de consolidação da ditadura de Stroessner – 1954-63*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

MORAES, Ceres e CHEDID, Daniele Reiter. (2006): *Memória de paraguaios: a presença de exilados de Stroessner em Dourados*. Dourados: UFGD/CNPQ,(Relatório de Iniciação Científica).

\_\_\_\_\_ (2007): *A Missão Cultural Brasileira no Paraguai durante o período de consolidação da ditadura de Stroessner*. Dourados: UFGD/CNPQ, (Relatório de Iniciação Científica).

PASTORE, Carlos (1972): *La lucha por la tierra en Paraguay*. Montevideo: Antequera.

ROUQUIÉ, Alain (1984): *O Estado Militar na América Latina*. São Paulo: Alfa-Omega.

## FONTES ORAIS

Alberto Barret (nome real), país de origem: Paraguai. Entrevista realizada na cidade de Buenos Aires, Argentina em 13 de dezembro de 2005.

De los Santos Mereles Lopez. (nome real), país de origem: Paraguai. Entrevista realizada na cidade de Dourados, Brasil, em 31 de maio de 2006.

Hermenegilda Espindola de Arevalo.(nome real), país de origem: Paraguai. Entrevista realizada na cidade de Dourados, Brasil, em 13 de junho de 2006.

## FONTES DOCUMENTAIS

Discurso de Fabian Zaldívar Villagra.. 15/09/1959. (mimeo) Biblioteca particular.

DPC/600.(43). Secreto.. Centro de Documentação do Itamarati. Brasília.

DPO/600.(43) Secreto, Centro de Documentação do Itamarati. Brasília.

Jornal do Brasil, 7 de maio de 1960; 25 de fevereiro de 1961;08 de março de 1960.

Manifiesto del Frente Unido de Liberación Nacional, 1960. (folheto) Biblioteca particular.

Of. Confidencial nº 217/600 (43), Centro de Documentação do Itamarati. Brasília.

Of. nº.549/920.(42) (43), Centro de Documentação do Itamarati. Brasília.

Proclama al Pueblo Paraguayo, fevereiro de 1959. (folheto) Biblioteca particular.